

Um dia depois do outro

(ou: não há como fazer política sem conhecer história)

Estou lendo o livro com as cartas que Alceu Amoroso Lima enviava, quase diariamente, à sua filha, madre Maria Teresa.

Aproveito este espaço para reproduzir, em maior parte, a carta datada de 4.4.1964:

“Estamos vivendo uma hora muito sombria, em que urge a restauração ou a instauração de um governo civil, para pôr cabo à onda de terrorismo e fanatismo que invadiu o país e se traduziu particularmente em Belo Horizonte com o varejamento do Convento dos Dominicanos. Leio nos jornais o relato e o protesto de frei Martinho Burnier e vou escrever-lhe solidarizando-me com ele embora possa bem chegar a hora de ter ele de se solidarizar comigo, tal o desmandamento da polícia aqui na Guanabara e em São Paulo e outras cidades. E dizer-se que tudo isso é feito em nome da “liberdade” e da “democracia”, sob pretexto de “combate ao comunismo”. As mulheres “democráticas”, particularmente, estão assanhadas e pedindo, junto com o presidente da UDN (o banqueiro milionário Herbert Levy, felizmente desautorizado por um colega, especialmente pelo Adauto, sempre decente), que se cassassem já todos os mandatos de deputados “esquerdistas”. Já não é apenas de comunistas. É de esquerdistas que se fala.

Tudo isso é sintoma do clima fascistizante em que estamos mergulhados, sob pretexto de restaurar a democracia. Felizmente os dois grandes jornais que tenho lido – o Correio da Manhã e o Jornal do Brasil – estão extremamente serenos, embora entusiasmados com a “revolução”, pois a palavra “golpe” ficou mal vista. A última notícia é que o Jango e o Brizola já estão no Uruguai, onde dona Maria Thereza já havia chegado com os filhos. Como tudo muda em dois dias! Só mesmo o Brasil.

.....

Mais uma vez se faz uma “revolução” ou se dá um “golpe” com uma finalidade negativa: o antijanguismo e o anticomunismo. São duas finalidades e se conjugam. Ora, nada se constrói sobre o *não*. E dada a precipitação dos acontecimentos só se vê uma coisa: destruir tudo que o Jango vinha fazendo, mal ou bem, e no momento só vêem o mal, incluído o nosso Carlos Drummond que, com surpresa minha, num artigo de hoje, se lança violentamente contra o Jango. Confesso que achei, no mínimo, deselegante. Se o Carlos tivesse dito tudo isso como o Lacerda ou como o Hélio Fernandes ou como o Jornal do Brasil, ou como o Diário de Notícias, em suma como o fazia a oposição militante, dentro ou fora do Congresso, então teria autoridade para continuar agora.

.....

Política tem ética, assim como a polícia totalitária. Ora, diga-se o que se disser do Jango, acusem-no de estar “preparando” a “entrada do comunismo”, o fato é que nunca tolheu a liberdade de ninguém e os oposicionistas o insultaram do modo mais violento, inclusive a sua mulher, pelo rádio, pela tribuna, pelos jornais, sem que houvesse nunca um clima de perseguição e de retaliação. Honra lhe seja feita. E chegam os democratas “salvadores” (não o Magalhães Pinto, que já proclamou a necessidade de não haver perseguições, etc., e outros que mantiveram a cabeça no lugar) e a primeira coisa que fazem, ou que se faz em seu nome, é negar a liberdade, invadir os lares, mandar governadores para Fernando de Noronha, como Arraes, tomar conta das próprias federações da polícia estadual, como vi na rádio outro dia, e com isso é que se inaugura o regime “democrático”. É uma farsa, uma impostura, que só será perdoável se cessar logo, apenas seja restabelecida a ordem legal, pela eleição do sucessor de Jango e constituição definitiva de um ministério democrata. Por ora, estamos em pleno arbítrio, com os jornais depredados (Última Hora), os jornalistas refugiados nas embaixadas, os rádios governamentais de ontem lacrados e a polícia invadindo os lares! Tudo sob pretexto de “combater o comunismo” e com isso justificando a tese comunista de que só a força é que faz o poder, de modo que só por meio dela é que se constituem os regimes. A prova está aí: “democratas” a praticarem as maiores arbitrariedades militares, sob o pretexto de que estão empregando os mesmos meios que os outros empregaram!”